

PORQUE QUEM AMA LUTA ATÉ O FIM

Passou quatro dias miseravelmente triste. Tentou esquecer de todas as maneiras.
Andou, dançou, gritou, chorou, correu.
Ficou em silêncio. Muito silêncio.
Isolou-se do mundo e permitiu-se apenas recordar.
E chorar.
Chorou muito.
Seu estômago queimava nas chamas do inferno das lembranças.
Sua cabeça doía, o corpo todo doía.
Perdeu o apetite para a comida. Só a provocação forte do chocolate lhe seduzia para melhorar o fel da boca.
Perdeu o sono, perdeu a vontade, perdeu a esperança.
Desacreditou da humanidade.
Desacreditou de tudo o que aprendera.
Perdeu sua fé, perdeu o rumo.
Perdeu seu amor e sentia-se no chão.
Não, sentia-se ainda pior. Sentia-se na lama.
Não! Pior ainda.
No esgoto. Boiando com os outros dejetos sujos, fétidos, empoeirados, toscos.
Bichos saíam do lixo! Baratas! Entrem nos sapatos do cidadão civilizado.
Maldita civilização. Maldita distância. Maldita cultura. Maldita razão.
Maldita inteligência, compreensão, sabedoria.
Ela só queria a emoção! Queria ser só coração, apenas arder no fogo dos seus lábios.
Sentir-se desvanecer no aperto do seu abraço.

Ah ... essa relação de amor e guerra os latinos compreendem tão bem.
O fogo que abrasa todo o corpo e tira a calma.
O corpo, a mente, a alma, tudo profundamente envolvido.
Tudo misturado, tão perto, tão presente, agora, tudo tão distante. Mierda!
- Esqueça! Diziam os amigos.
Perguntava-se por que os amigos agem sempre assim quando há uma separação?
Por que todo mundo manda esquecer e seguir em frente?
Malditos conselhos! Malditas vozes que se imaginam sempre sábias...
Quem sentia a sua dor?
Quem cuidava de sua ferida aberta sangrando e que nunca cicatrizava?
Nem remédios, nem bebida, nem ervas, nenhuma erva.
Nem fumaça, nem cachaça, nada nada nada. Nenhum ungüento.
Não há remédio para a dor do amor.
Malditas pessoas acomodadas com os finais.
Ela simplesmente não conseguia racionalizar dessa maneira.
As juras de amor, os momentos infinitos de trocas, crescimento e promessas.
Aquele jardim em que passeavam de mãos dadas. A meditação que praticavam juntos. O mar... O vento... As sessions!
- Hooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo!
A rede onde juntos assistiram tantos vídeos alegres, românticos, apaixonados.
A banheira onde alegres e apaixonados cediam aos prazeres da carne...
Começou a dançar sozinha a tal da dança da “formiga” que ele inventara.
Lágrimas vieram aos seus olhos.
Enxergava o seu corpo branco, seus cabelos pretos, sua testa franzida e a cabeça sempre cheia de pensamentos e preocupações. Homem amado.
Quantas vezes aplacara suas dúvidas?
Quantas vezes a música dele a estimulava?
Soy su nena, no lo vês ?
O ritmo de suas mixagens ecoavam ainda no seu ouvido.
Todas as cenas das brigas, dos momentos de celebração, o amor que os arrebatara...
Tudo misturado, tudo a um só tempo girando, girando, girando...

Foi ao chão.
O desmaio, o colapso dos sentidos...
Ah, o amor !
Uma bênção e uma maldição.
O ar que alimentava e que faltava agora, fazendo-a sufocar.
Ah, o amor...
Amor que fazia todos seus sentidos realçarem. Sua pele arrepiar apenas ao pensar nele...
Seu coração disparar quando sentia que ele se aproximava...
Ah, o amor.
Mil vezes estar no fogo cruzado da guerra, estar com o coração rasgado e exposto ao céu,
ser mordida por uma matilha inteira de lobos famintos...
Mil mortes, mil dores, tudo é menos dolorido que a dor do amor.
Acordou atordoada no chão frio.
Olhou para o céu.
Cinza.
Uma tempestade começava a cair.Trovões. Relâmpagos.
- No soy apenas un torvelino!
O céu também chorava.
Deixou-se ficar assim jogada na terra.
Deixou-se lavar o corpo. Esfriar sua caeçeca cansada.Limpar o sangue da ferida.
Deixou que os pingos atingissem sua alma.
O ritmo.
O mantra da terra.
Bebeu a água da chuva.
Respirou.
Contrastes maravilhosos da natureza. Nossa mãe terra.
Quanto mais gélido seu corpo ficava, mais seu sangue esquentava.
Levantou-se freneticamente.
Como louca e alucinada, profundamente imersa em sua meditação, começou a dançar, a
dançar, a dançar...
Seu corpo girava...Cigana, bandida, uma fênix em louca transformação.

Lembrou-se de Brecht : “Hay hombres que luchan un día y son buenos; hay otros que luchan un año y son mejores; hay otros que luchan muchos años y son muy buenos. Pero están los que luchan toda la vida y esos son imprescindibles.”

Parou a dança.

Um flash, uma luz, uma esperança.

Sentia-se livre.

Livre para lutar!

Porque quem ama luta até o fim.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/porque-quem-ama-luta-ate-o-fim>